

## Empresas aderem ao 'cloud first' para mais competitividade e assertividade

Fabio Beato (\*)

*A adoção de soluções nativas em nuvem está muito ligada à questão de transformação*

Nos últimos anos, ganhou força o nascimento de produtos, modelos de negócios e até mesmo de novas companhias dentro do ambiente de cloud. Com isso, as organizações passaram a ter mais agilidade, eficiência e segurança, impulsionando a utilização da plataforma nos mais diversos segmentos.

Segundo uma pesquisa realizada pela IBM e divulgada em novembro de 2020, 33% das empresas já integram múltiplos ambientes de nuvem em diferentes provedores. Além disso, 17% apontam que planejam algum tipo de migração para os próximos 12 meses, com grande foco em aprimorar a modernização e mobilidade de aplicações.

É por isso que, com o mercado cada vez mais aquecido, somado a profissionais de TI cada vez mais jovens – tendo uma percepção mais prática e rápida sobre a tecnologia –, o conceito cloud first nunca esteve com tanta evidência. Outro impulsionador desse modelo nos últimos meses foi o trabalho remoto. Com a utilização da nuvem, funcionários puderam se conectar de qualquer lugar com segurança e agilidade.

Isso faz com que as empresas não precisem de infraestrutura física para operar, gerando mais flexibilidade – tanto geográfica quanto em relação à escolha entre diferentes provedores – e diminuição de custos. Diferentemente do uso dos data centers, a companhia que optar pela utilização de public cloud arca somente com o que é utilizado.

Mesmo com tantos benefícios, as empresas ainda têm duas principais preocupações ao implementar o conceito. A primeira delas é a segurança, afinal, ao adotar a metodologia, muito provavelmente estamos falando de nuvem pública, com a característica de estar “exposta” de alguma forma. A existência do open banking, arquiteturas orientadas à conexão por interface de programação de aplicações (APIs) e integrações em tempo real, por exemplo, só é possível por causa das nuvens públicas, com esse

padrão mais aberto.

O segundo desafio por parte das organizações é em relação à governança. Ao compreender que o ambiente de nuvem só gera custo conforme o que for utilizado, alinhar um uso assertivo e eficiente com as melhores práticas torna o custo-benefício mais conveniente. No entanto, a falta de planejamento e estratégias acabam sendo um grande problema para as empresas nessa questão, fazendo que as companhias considerem a nuvem um ambiente caro e complexo.

Acredito que o mais importante nesse processo, principalmente sobre essas duas preocupações principais, é saber que a segurança é sempre um desafio, independentemente da estratégia a ser adotada. O mercado de tecnologia evoluiu muito rapidamente, fazendo com que novas ameaças surjam todos os dias. Mas em paralelo a isso, os sistemas – sejam serviços ou soluções – são atualizados e fortalecidos.

Com o avanço do mercado, é interessante abrir a mente para novas opções tecnológicas e metodologias. Com a nuvem, o benefício é que não se faz necessário escolher somente um provedor ou integrador. É possível dividir e experimentar o melhor para cada modelo de negócio. Sobre os custos, hoje, cada solução digital – que faça sentido e seja benéfica para a organização – necessita de boa governança, planejamento e estratégias.

Por isso, nos últimos anos, diversas empresas se especializaram em auxiliar outras nessa transição e para criar jornadas de parceria com conscientização e aprendizado para quem está iniciando a transformação digital agora. Nesse sentido, a nuvem deve continuar relevante no mercado a ponto de se tornar o acelerador principal de muitas empresas.

Estamos em um novo momento no mercado, com mais teletrabalho, mais jovens em posições de liderança e maiores exigências para competitividade. A modalidade cloud first traduz esse cenário e entrega o que é necessário para escalabilidade ou para a retomada dos negócios.

(\*) - É head de cloud da Atos para América do Sul.

## Queda no indicador do mercado de trabalho

O Indicador Antecedente de Emprego (Iaemp), medido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), recuou 4,1 pontos de outubro para novembro. Assim, ele atingiu 83 pontos, o menor patamar desde abril (78,9 pontos). O Iaemp busca antecipar tendências do mercado de trabalho no país nos próximos meses, com base em entrevistas com consumidores e com empresários da indústria e dos serviços. Em novembro, os sete componentes do Iaemp tiveram queda, com destaque para a situação atual dos negócios no setor de serviços e o emprego previsto na indústria (ABr).

# Mais de 12 mil cartórios em todo o Brasil com serviços pela internet

Você está em São Paulo e precisa de uma matrícula de imóvel no Ceará. Mora no Paraná e necessita da segunda via do registro de nascimento em Mato Grosso. Tempos atrás, providenciar essa papelada, nessas condições, significava se deslocar quilômetros – despendendo tempo e dinheiro

Com as soluções em tecnologia da informação, tais distâncias estão sendo eliminadas.

Plataformas que integram cartórios, viabilizando a obtenção de documentos sem viajar até o local de origem do documento, não são propriamente uma novidade. O que é, sim, um desafio recente para prestadores desse serviço é agregar à tecnologia um atendimento humanizado, de modo a tornar menos burocrática e árida a missão de obter papéis indispensáveis à vida prática.

“O mundo cartorial é marcado por relações impessoais. Procuramos humanizar essas relações”, afirma o designer de produtos da Leme Inteligência Forense, William Brepohl, empresa que tem no seu portfólio a Central das Certidões, solução que integra 12 mil cartórios em todo o Brasil. É, conforme ressalta o profissional, a plataforma do segmento com maior alcance territorial. A sede da empresa está em Pinhais, região metropolitana de Curitiba.

Em 2020, ano da pande-



Está na estratégia do negócio fazer o serviço ser reconhecido pela humanização do atendimento.

mia, em que se estabeleceram restrições de circulação, a Central das Certidões providenciou mais de 150 mil documentos – média diária que supera, portanto, a marca de 400 papéis solicitados e entregues aos clientes. O serviço existe há 15 anos, e nesse período já foram mais de 1 milhão de certidões emitidas. Há também envios para o exterior, para destinatários em quase 200 países.

A solução acumula, como se vê, longa trajetória na praça – desde meados dos anos 2000. Até pouco tempo, era conhecida pelo nome Cartório 24 Horas. “Come-

çamos por esse serviço [de integração cartorial]. A empresa cresceu, fomos para outras atividades, como a inteligência forense, e então a Central de Certidões se constituiu em um dos produtos e marcas da Leme”, explica Brepohl.

Mais do que difundir o novo nome, está na estratégia do negócio fazer o serviço ser reconhecido pela humanização do atendimento. “Está entre os nossos princípios ser a ‘ponte’ entre as pessoas e os cartórios. Nosso lema é: ‘simples’. Ponto. Nós cuidamos da parte da burocracia para os clientes, e com eles buscamos ser atenciosos.

Ninguém vai ao cartório porque quer. Vai porque precisa resolver algo, está passando por um momento difícil. Então, temos que ouvir as pessoas. Sermos leves, mas com profissionalismo”, defende Silveira.

Além de pessoas físicas, a Central das Certidões atende pessoas jurídicas. São escritórios de advocacia, bancos, empresas em geral com rotina de grande demanda por obtenção de certidões e documentos. “Há clientes nossos, pessoas jurídicas, que chegam a retirar até 6 mil certidões em um mês”, acrescenta a diretora financeira da Leme, Jaqueline Gonçalves.

De acordo com ela, certidões de nascimento, casamento, protesto e óbito, e ainda matrícula de imóvel atualizada e busca de bens estão entre os documentos mais solicitados, por pessoas físicas e jurídicas. Os custos variam de documento para documento, e mesmo de serviço para serviço. Em média, o prazo de entrega ao cliente é de oito dias. Outras informações: (<https://centralscertidoes.com.br/>).

## Viciados em código aberto: quanto poder analítico é necessário?

Scott Zoldi (\*)

Os cientistas de dados precisam justificar a necessidade de correr grandes riscos ao usar métodos complexos para resolver problemas. De fato, é contraproducente usar mais potência do que o necessário para resolver desafios analíticos.

Uma grande variedade de ferramentas de análise de código aberto está livremente disponível para cientistas de dados e estudantes, sendo que todos podem se empolgar com os concursos do Kaggle - conhecida plataforma de competições de modelagem preditiva pertence a Google, e sua prevalência da comunidade analítica, é em si um tópico de preocupação. Meu questionamento é se sua abordagem seria apropriada ou não no mundo real - o encorajamento de se investir o máximo de potência analítica possível para resolver seus quebra-cabeças.

Um exemplo de como esse tipo de exagero analítico leva a resultados contaminados é o dumping de dados: despejar o maior número possível de fontes de dados num modelo para obter uma pequena melhoria em seu poder preditivo, sem entender quais relações novas (e possivelmente sem sentido) estão sendo aprendidas, ou considerando a confluência da



Devemos mudar para modelos de aprendizado de máquina interpretáveis?

complexidade do modelo. “Open source junkies” é o termo que utilizo para cientistas de dados que são viciados em usar poder analítico excessivo para resolver qualquer problema. A boa notícia é que há um caminho direto para a reabilitação. Nesse sentido, as perguntas que precisamos nos fazer são:

- O quanto bem entendemos o problema que estamos resolvendo? Devemos falar com o negócio para obter insights fundamentais para projetar o modelo?
- Quais são as fontes de dados apropriadas para incluímos? Que variáveis/características-chave vamos derivar dessas fontes?
- Qual é a performance do nosso modelo mais simples? Ele atende aos requisitos do negócio? O que dirige este modelo?
- À medida que adicionamos complexidade ao modelo, o que ganhamos em termos de

previsão, e perdemos em explicações? Robustez? Ética?

- Devemos mudar para modelos de aprendizado de máquina interpretáveis?

Essencialmente, precisamos justificar a necessidade do risco incremental que assumimos ao usar métodos mais complicados. Como cientistas de dados, devemos perguntar: o que estamos tentando alcançar, quais são as ferramentas certas para nos levar até lá e quais são as compensações? Contrapartidas inaceitáveis incluem violações da LGPD e da inteligência artificial que são antiéticas.

Dessa forma, é fundamental termos uma perspectiva mais ampla, não apenas sobre nossa tecnologia, mas sobre o contexto empresarial e social no qual o projeto será utilizado.

(\*) - É Chief Analytics Officer da FICO.

## Unesco preocupada com inteligência artificial

Vivaldo José Breternitz (\*)

A Unesco é uma agência da ONU que objetiva contribuir para a paz e segurança no mundo por meio da educação, ciência e informação. A entidade acaba de anunciar a adoção de um texto sobre ética em Inteligência Artificial (IA), na tentativa de balizar rumos para essa tecnologia, cuja evolução desperta temores em função dos objetivos que pode ajudar a serem atingidos.

O documento, de 28 páginas, ratificado pelos 193 estados membros da entidade, diz em seu preâmbulo que as tecnologias de IA podem prestar grandes serviços à humanidade e que todos os países devem se beneficiar delas, mas que há questões éticas a serem consideradas. A Unesco diz que é necessário garantir a transparência e inteligibilidade do funcionamento dos algoritmos e dados utilizados, uma vez que seus resultados podem afetar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, a igualdade de gênero, e a democracia.

O documento é o resultado de um trabalho iniciado em 2018 e alicerçado nos valores de respeito, proteção e promoção dos direitos humanos, diversidade e inclusão, além da promoção de sociedades e ambiente pacíficos, temas que são caros à Unesco. O texto também enumera as obrigações dos países signatários, especialmente em termos criação de instrumentos legislativos que enquadrem e fiscalizem as IAs, garantindo a segurança de dados pessoais e sensíveis.

O que se espera é que os filiados à Unesco realmente passem a trabalhar nos termos do documento que assinaram.

(\*) - Doutor em Ciências pela USP, é professor do Programa de Mestrado Profissional em Computação Aplicada da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

